

BC quer alongar a dívida pública

16 DEZ 1992
Lastro em dólares

agrada o mercado

Rio — O diretor de Política Monetária do Banco Central, João Heraldo Lima, disse ontem no Rio, que o BC está estudando a possibilidade de criar mecanismos voluntários para serem usados para o alongamento do perfil da dívida pública. Além disso também está em estudo a permissão para que as instituições financeiras possam captar recursos em dólar, porque os recursos de longo prazo só existem “lá fora”, explicou Heraldo Lima, referindo-se ao mercado internacional. Mas todas as decisões mais importantes do BC só serão tomadas depois que o Senado votar o pedido de **impeachment** do presidente afastado Fernando Collor. “Não seria decepcionante ou frustrante dizer que se poderia dar por satisfeito se a política de curto prazo mantivesse as coisas como elas estão agora, embora todos compartilhem das aflições e desejos do presidente Itamar Franco”, disse Heraldo Lima.

Para ele, como a economia brasileira está se abrindo, inclusive na área cambial, “esse é o momento saudável para discutir a possibili-

dade de aumentar o grau de exposição da economia, de modo geral, ao dólar”. Heraldo Lima fez questão de dizer que uma eventual permissão a captação em dólar por empresas privadas do setor financeiro, não significa a dolarização da economia. Ele lembrou que a captação em moeda forte poderia ser um dos instrumentos de conseguir créditos externos para alongar o perfil da dívida interna. “Se o crédito longo só existe lá fora, essa discussão é oportuna para contaminar, no bom sentido, o crédito interno com o externo, via alongamento do perfil da dívida interna”, disse o diretor do Banco Central.

Embora defenda a captação de moeda forte pelo setor privado, Heraldo Lima disse que não se trata, necessariamente, de reativar papéis como as NTNs cambiais ou ORTNs cambiais. Em tese, poderiam ser emitidos papéis com opção de resgate pela correção da TR ou cambial, a que for mais interessante. Mas o diretor de Política Monetária do Banco Central explicou que “as medidas práticas para a operaciona-

lização dessa questão dependerão de estudos e não se pode dizer que será este ou aquele mecanismo, mas hoje existem condições objetivas na economia que permitem o exame sério dessa medida”.

Heraldo Lima disse que é preciso trabalhar para que se tenha uma política consistente de câmbio, juros e salários mantendo o equilíbrio das contas públicas. Segundo o diretor de Política Monetária do Banco Central não se pode reduzir taxas de juros se não houver consistência entre essas políticas. “Não é pecado baixar as taxas de juros, desde que tudo seja feito com consistência”, disse Heraldo Lima.

Zeros — Em um “futuro breve”, a moeda brasileira perderá três zeros, anunciou ontem, no Rio, o diretor de Política Monetária do Banco Central, João Heraldo Lima. Embora reconheça que essa decisão tem impacto psicológico, Heraldo Lima disse que ela será estritamente técnica porque os orçamentos já estão passando da casa do quatri-
lhão, o que dificulta as operações.

São Paulo — A possibilidade de o governo utilizar as reservas cambiais como lastro para a emissão de novos títulos públicos, para conseguir alongar o perfil da dívida interna, foi bem recebida por empresários. “Esse é, sem dúvida, um caminho muito importante, pois teria uma moeda forte como âncora, permitindo mudar o perfil da dívida e gradualmente restabelecendo a confiança no cruzeiro”, observa Emerson Kapaz, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Brinquedos (Abrinq) e membro do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE).

Também o 1º secretário da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Roberto Nicolau Jeha, acredita que, caso venha a ser realmente adotada, essa medida terá resultados positivos. Ele lembra que a questão da dívida exige uma solução urgente, pois somente no primeiro semestre deste ano os juros reais pagos, em função do déficit público, atingiram 5,7% do Produto Interno Bruto (PIB).